

O leogiado 'Love Lies Bleeding' chega ao circuito

PÁGINA 2



Orquestra de jazz suíça rende tributo a Ivan Lins

PÁGINA 3



Ex-frenética Dhu Moraes estreia seu primeiro show solo

PÁGINA 4



## 2º CADERNO

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**P**resente no streaming na grade da plataforma MUBI com “Adeus à Linguagem” (2014) e “O Livro de Imagem” (Palma de Ouro Especial de 2018), o suíço nascido em Paris Jean-Luc Godard (1930-2022) ambicionava fazer de sua morte um espetáculo – e um ponto continuativo - ao optar por serenar, aos 92 anos, num suicídio assistido.

À época, ele confessou estar cansado do excesso de informações do mundo. Mas o cansaço não impediu que ele deixasse heranças para a cinefilia mundial, entra elas um filme inédito, finalizado postumamente: “Scénarios”. Sua primeira exibição acontece na mostra Classics do Festival de Cannes, que começa no dia 14.

É uma experimentação semiológica de 18 minutos, concluída na véspera de ele morrer, há dois anos. Acompanha o projeto um vídeo de 34 minutos no qual o próprio Godard apela para uma mixagem de arquivos a fim de deixar instruções acerca do modo como “Scénarios” deveria ser terminado e exibido.

Ano passado, a Croisette exibiu um filme surpresa, de 20 minutos, construído por Godard, nos últimos meses de sua vida, a partir de uma colagem de imagens, chamado “Drôles de Guerres”. Seus colaboradores habituais, Fabrice Aragno, Nicole Brenez e Jean-Paul Battaglia finalizaram o curta de 20 minutos, autotitulado como “o trailer de um filme que jamais existirá” e definido como um ensaio sobre a



Godard: ‘Palavras não são um sinônimo de linguagem, pois linguagem é algo além’

# O testamento de Godard

Artesão número 1 da semiologia nas telas, cineasta fez de sua morte um espetáculo que será celebrado em Cannes com a projeção de um filme póstumo

overdose de signos que a internet deposita sobre nós, a cada segundo.

Ainda em 2023, o realizador de “Acosado” (Prêmio de Melhor Direção na Berlinale, em 1960) ganhou postumamente uma série

de projeções de gala de seu cult “O Desprezo”, na comemoração de seus 60 anos.

“Palavras não são um sinônimo de linguagem, pois linguagem é algo além, é um conjunto de pro-

cedimentos de como empregamos signos. O problema é que as pessoas articulam esses signos sem a coragem de fantasiar o que aconteceria se as convenções fossem usadas de outra maneira”, disse Godard ao

Divulgação

Festival de Cannes de 2018, pouco antes de receber uma Palma de Ouro Honorária por “Imagem e Palavra”, seu derradeiro longa-metragem (em vida), que hoje pode ser visto no [www.mubi.com](http://www.mubi.com).

Essas palavras ditas por ele à Croisette não se enquadraram num processo convencional de entrevista, ao vivo. Ele falou com Cannes de seu escritório, na Suíça, usando Facetime, num papo em que elogiou a herança cultural de entrevistados da Rússia, de Portugal e do Brasil e lamentou o fato de todos falarem em Inglês. “Quem nasce na Itália é italiano. Quem nasce na China é chinês. Quem nasce na França é francês. Mas quem nasce nos Estados Unidos leva o gentílico de americano. A onipotência deles é tanta que eles não levam o nome do país e, sim, do continente”, disse o cineasta numa coletiva de imprensa nos anos 1990.

No império do efêmero que o mundo midiático virou sob o garrote das fake news, o cineasta franco-suíço responsável por injetar poesia na semiologia, saiu de cena fazendo de sua partida um espetáculo transgressor, desafiando o Tempo, deixando como legado 118 filmes (entre curtas e longas) e mais 12 produções para a TV (entre séries e especiais). Segundo familiares e amigos próximos, entre eles, a mulher do diretor, a cineasta e produtora suíça Anne-Marie Mieville, sua morte foi uma opção diante do desgaste que sentia. Levando-se em conta que há ainda anotações dele prontinhas para que Anne-Marie e seus parceiros, Aragno e Battaglia, deem partida a novos filmes. Tudo indica que vem mais coisa de Godard por aí.

Sensação da Berlinale, 'Love Lies Bleeding' chega ao Brasil desafiando tabus do sexismo

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**S**ensação da última Berlinale, onde foi comparado ao cult "Thelma & Louise" (1992) em sua forma de retratar a sororidade, "Love Lies Bleeding – O Amor Sangra" vai estrear enfim no Brasil abrindo um debate sobre violências de gênero e tabus da representação LGBT-QIAPN+.

É um exemplar – e dos bons – do filão da "comédia de erros", com picos de humor e bastante excentricidade, dialogando mais com a fase anos 1980 dos irmãos Coen. Está mais próximo da extravagância furiosa de "Gosto de Sangue" (1984) e de "Arizona Nunca Mais" (1987) do que do Ridley Scott feminista com Susan Sarandon e Geena Davis. Ridley soa (sempre) demasiado bem comportado para o que a realizadora Rose Glass apresenta em seu thriller queer, que ataca o machismo frontalmente. As personagens esculpidas por Kristen Stewart e Katy O'Brian não se encaixam em modelos de conduta de fácil aprovação pela moral hollywoodiana.

"A onda de filmes queer rotuláveis acabou, pois agora a forma de representar que buscamos é aquela que demonstrem aonde as pessoas querem ir com seu desejo", explicou a atriz Kristen Stewart no Festival de Berlim, onde foi presidente do júri em 2023.

Alçada aos holofotes da cena indie anglo-americana com "Saint Maud" (2019), Glass assina a direção e o roteiro de "Love Lies Bleed", dividindo a escrita



Em 'Love Lies Bleeding', a personagem Lou se livra do jugo machista para cair dentro de uma relação tóxica

# Um 'Thelma & Louise' com coágulos à mostra

com Weronika Tofilksa. Salpicar toda sua estrutura com especiarias do horror psicológico, sobretudo por meio de alucinações.

Chega a romper com o realismo em momento de clímax, sem nunca desatar os nós com uma certa comicidade involuntária que brota de situações brutais. É um filme de brutalidades das mais diversas, mas é engraçado.

"O mais esforço era permitir que tudo soasse real, apesar do pouco tempo que tivemos, até para os ensaios", diz Rose, em Berlim. "A chegada de Katy ao filme trouxe uma química a um só

tempo simples e complexa entre a personagem dela e a de Kristen".

## Esmero visual

A cineasta jamais descuida do esmero visual com a cinematografia, numa aposta em planos de altas temperaturas de cor. Como sua trama é ambientada nos anos 1980, Rose carrega "Love Lies Bleeding – O Amor Sangra" nos excessos, numa direção de arte kitsch, em figurinos demasiadamente acentuados na cor, em penteados extravagantes. Há excesso de pigmentos até no amarelado sorriso de nicotina de Daisy,

engate da personagem de Kristen, vivida por Anna Baryshnikov (filha do bailarino Mikhail).

"Desde o primeiro momento que Rose e eu conversamos, percebi que estávamos fazendo um filme sobre mulheres fortes", disse Kristen. "Daí eu disse: 'vou viver a mais fraca delas'. É um processo de empoderamento".

Conduzido a partir de uma montagem taquicárdica que nunca se perde, "Love Lies Bleeding" estrutura-se como um romance no momento em que a gerente de um ginásio, Lou (Kristen), toma conhecimento de uma nova alu-

na, a fisiculturista Jackie (papel de Katy O'Brian, impecável em cada tomada). A paixão entre as duas é instantânea, vitaminada por tórridas noites (e manhãs) de sexo, filmadas por Glass nas raias da sensualidade, sem objetificação.

"O cinema queer do passado acabou", diz Kristen.

Obcecada em ganhar um concurso de Miss Força, Jackie injeta esteroides das mais duvidosas estequiometrias no seu corpo, o que mexe com o seu imaginário e piora o sentimento de posse (disfarçado de instinto de proteção) por Lou, que tem dois agravantes no seu passado. O seu cunhado, J.J. (Dave Franco), é um adúltero que bate na mulher (Jena Malone). Já o pai, Lou Sr. (Ed Harris, em estonteante atuação), é um traficante de armas.

Jackie quer ver a sua amada livre dessas duas forças machistas de entrave e passa dos limites no empenho para libertá-la deles, em atitudes que atraem a polícia e o FBI. Lou vê-se uma vez mais refém, agora não mais de figuras masculinas que deturpam a hombridade, mas, sim, de um amor tóxico. O resultado de todos esses componentes é um espetáculo sanguinolento.



# Genialidade que segue conquistando o mundo

O saxofonista suíço George Robert e sua big band lançam 'Abre Alas', álbum dedicado à magnífica obra de Ivan Lins, cada vez uma grife de excelência musical

Um dos mais respeitados compositores brasileiros, aqui e no exterior, Ivan Lins, acaba de empoderar ainda mais sua rica discografia com "Abre Alas" (Mills Records), uma produção multinacional gravada em maio de 2009 na Suíça. O trabalho é do o saxofonista suíço George Robert com sua big band.

"A música de Ivan tem sido parte da minha vida. Seu lirismo, sua noção única de melodia e harmonia têm me inspirado há muitos anos", disse o instrumentista, ao explicar o desejo de gravar, com sua prestigiada George Robert Jazz Orchestra este álbum dedicado à obra do brasileiro, que empresta sua voz (em português) e piano ao trabalho.

"Sou fã da música de Ivan há muito tempo. Suas incríveis composições são tão emocionantes e cheias de cores, que foi uma experiência muito legal orquestrá-las para uma grande formação. Os arranjos praticamente se escreveram sozinhos", elogia Bob Mintzer, arranjador e saxofonista americano ligado ao mítico grupo de jazz fusion Yellowjackets, que assina sete arranjos na ficha técnica de "Abre Alas".

Por uma daquelas coincidências que só acontecem com quem frequenta o circuito musical internacional, quando em 2008 foi convidado por George Robert para escrever os arranjos deste álbum sobre a obra de Ivan Lins, Bob Mintzer descobriu-se no mesmo hotel em Tóquio do compositor brasileiro, que se apresentava no Blue Note local. Aproveitou para assistir a todos os shows, e pegar o jeito de Ivan tocar com os músicos de sua banda. E trocar ideias com o próprio Ivan, de quem já era admirador.

À música de Ivan, já rica e cheia de nuances por natureza das composições, Mintzer acrescentou coloridíssimos desenhos de sopros, executados com afinco e vibração pelos músicos da orquestra. Na faixa-título, que abre o álbum, sente-se a alegria dos músicos a cada modulação, o prazer de achar nuances novas, seja na própria composição, no arranjo novo, no jeito de a orquestra tocar, além dos vastos espaços para os solos de vários dos músicos.

O repertório, acertado entre Ivan, Robert e Mintzer, foi testado antes da gravação em es-



Fotos/Divulgação

*Imagem de Ivan Lins, o homenageado, e o saxofonista suíço George Robert em 2009, na época da gravação do álbum 'Abre Alas', totalmente dedicado ao cancionário do cantor e compositor brasileiro*

## Uma profecia que se cumpriu

Muito se fala do prestígio e da presença de Ivan Lins na música mundial. Aliás, desde o início de sua carreira. Quando ainda não havia gravado sequer uma faixa, em 1968 o famoso pianista Bené Nunes ao ouvi-lo tocar em casa algumas de suas primeiras composições foi profético: "Não vejo um compositor assim desde que conheci o Tom, há uns dez

anos". E Ivan seguiria de fato o caminho de nosso maestro soberano tanto na criação de um cancionário vasto quanto no prestígio internacional, com reconhecimento do público de qualidade e, sobretudo, entre intérpretes e músicos de jazz.

Tanto que Ella Fitzgerald, uma das maiores cantoras do mundo, se encantou

tanto com a música de Ivan que gravou "Madalena" em português, para não dispensar aquela canção cheia de balanço e modulações incríveis.

E o midas Quincy Jones, para ficar num outro exemplo, ao conhecer a obra de Ivan resolveu-a espalhar pelos discos que dali em diante produziria. E assim o fez, colocando o compositor brasileiro definitivamente no ambiente do jazz e da grande música popular internacional.

túdio, em dois concertos na Suíça. "Os arranjos do Bob soaram tão bonitos e poderosos que ficou fácil cantar e tocar. Grande vibração e excelente atmosfera o tempo todo", testemunha Ivan.

Além de "Abre Alas", o repertório é uma viagem pela obra de Ivan, sobretudo suas mais complexas e líricas composições. A romântica

"Saudades de Casa", a densa balada "Começar de Novo" e a levíssima canção "Passarela no Ar" são exemplares da variedade de estilos de Ivan e registram sua relação com grandes letristas de sua geração, como Vitor Martins e Abel Silva. Dá gosto de ouvir os contracantos, as pontes, os desenhos de sopro descobertos por Bob Mintzer em cada canção.

Hoje consagrado no mundo da música, Ivan passa metade do ano no Brasil e a outra pelo mundo, seja com sua banda ou mesmo se apresentado com orquestras. Este "Abre Alas", lançado 15 anos depois de gravado, é retrato do momento em que Ivan começava esse processo de usar a orquestra como instrumento, o melhor instrumento para a melhor música.



## CORREIO CULTURAL

## A frenética solta a voz

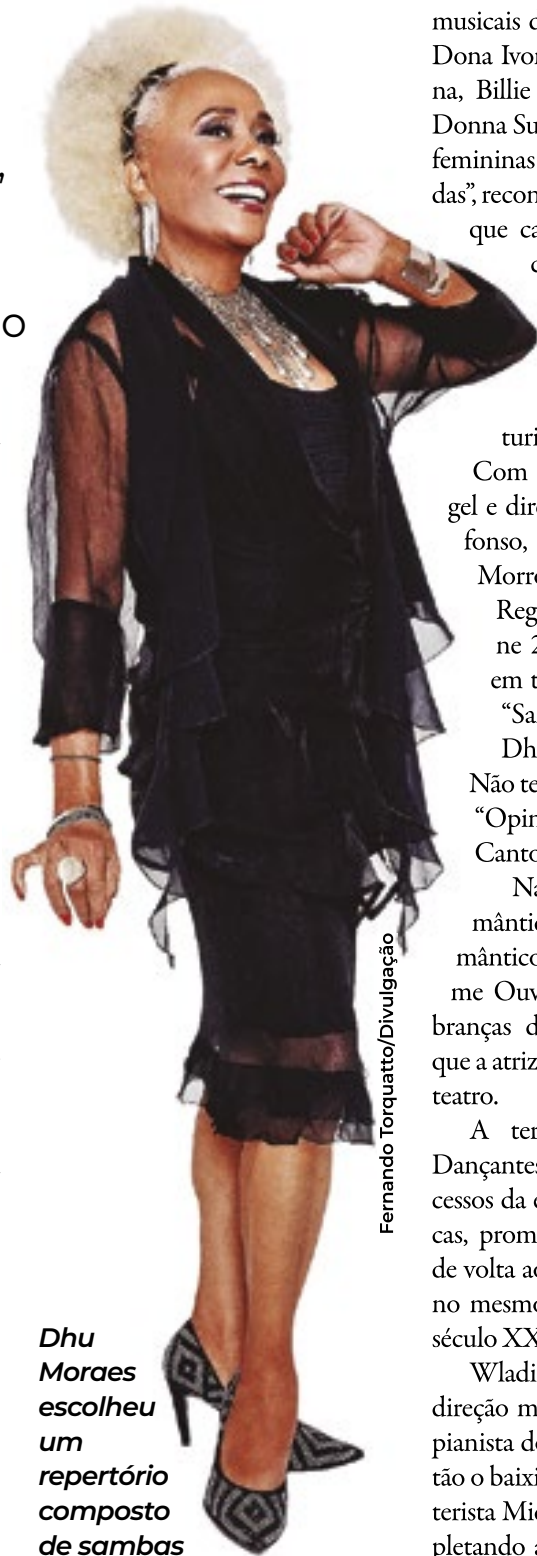
Atriz e integrante do famoso grupo vocal da era disco, Dhu Moraes apresenta seu primeiro show solo

**A**triz e cantora, Dhu Moraes fez fama musical (muita fama) na virada das décadas 1970 e 1980 com o grupo As Frenéticas, que tomou as paradas brasileiras de assalto nos tempos da discoteca. Agora, pela primeira vez em 44 anos de carreira, ela protagoniza um show solo e inédito, com roteiro e direção voltados para as músicas que fizeram parte da história e carreira.

Contemplado pelo edital Foca, da Prefeitura do Rio, o espetáculos "O Canto da Dhu" terá duas apresentações nesta segunda e terça-feiras (29 e 30), às 20h, no Teatro dos Quatro, no Shopping da Gávea. Não por coincidência, este espaço abrigou o "Frenetic Dancing Days Discotheque", casa de shows com pista dançante fundada em 1976 pelo jornalista e produtor musical Nelson Motta, lar d'As Frenéticas.

Aos 16 anos, Dhu integrou o grupo de meninas As Escarlates. Um pouco depois despontou no grupo vocal As Sublimes, tendo participado da primeira montagem do musical "Hair" no Brasil. Com As Frenéticas, tornou-se ainda mais conhecida do grande público.

Afastada da cena musical, Dhu atuou em diversos programas televisivos como a minissérie "Tenda dos Milagres" (1985), na segunda versão do "Sítio do Picapau Amarelo" (2001), a série "Nada Suspeitos" (2022) e atualmente integra o elenco de "Encantados", já em sua segunda temporada. Na



**Dhu Moraes escolheu um repertório composto de sambas famosos, canções românticas e os hits d'As Frenéticas**

Fernando Torquatto/Divulgação

intimidade e ao mesmo tempo, a voz, o som, a música da cantora. Ao longo dos últimos anos vimos brotar homenagens a grandes nomes da música negra mundial feminina, em diversos shows e musicais de teatro: Elza, Alcione, Dona Ivone Lara, Elizeth a Divina, Billie Holiday, Tina Turner, Donna Summers. As vozes negras femininas estão em alta e valorizadas", reconhece a artista. , ciente de que cada um desses projetos com protagonismo preto levanta o debate sobre temas como diversidade, racismo, inclusão e afrofuturismo.

Com roteiro de Cecília Rangel e direção de Johayne Hildefonso, coreógrafo do "Nós do Morro" e diretor do "Afro-Reggae", o espetáculo reúne 23 canções e é dividido em três partes. Na primeira, "Sambas e Ancestralidade", Dhu interpreta "O Morro Não tem Vez", "Zé do Carço", "Opinião", "Barracão" e "O Canto das Três Raças".

Na segunda parte, "Romântico e Popular", estão "Romântico", "Onde Deus Possa me Ouvir", "Catavento" e lembranças de espetáculos musicais que a atriz e cantora participou no teatro.

A terceira parte, "Tempos Dançantes", relembra grandes sucessos da época disco das Frenéticas, prometendo levar o público de volta ao saudos Dancing Days, no mesmo espaço, mas agora no século XXI.

Wladimir Pinheiro assina a direção musical, os arranjos e é o pianista do show. Ao seu lado, estão o baixista Kauê Husani e o baterista Michel Nascimento. Completando a banda, com formação ao estilo jazz, Dirce Moraes e André Lemos são os backing vocals.

**SERVIÇO**

O CANTO DE DHU MORAES Teatro dos Quatro (Shopping da Gávea - R. Marquês de São Vicente, 52 - 2º piso) 29 e 30/4, às 20h Ingressos: R\$ 100 e R\$ 50 (meia)

Divulgação



**Viúva de Bolaños, Florinda é a representante do ator**

## Atriz de Dona Florinda fala sobre o fim de 'Chaves'

Florinda Meza, conhecida como Dona Florinda de "Chaves", publicou no Instagram um desabafo sobre o fim da exibição do seriado em 2020. "No auge da pandemia, o contrato com a Televisa pelos direitos literários para as transmissões da série terminou. Eu deveria ter sido convocada para essa negociação, mas não fui", desabafou.

A viúva de Roberto Bolaños é a representante legal do marido, morto em 2014, na intenção de proteger seus personagens do mau uso. "O que pior pode ser feito do legado de um gênio do que congelá-lo por quase quatro anos?", publicou. O SBT deixou de exibir a atração no Brasil após 26 anos.

### No páreo

A produção brasileira "Amarela" foi selecionada para a competição de curtas-metragens na 77ª edição do Festival de Cannes. Com 15 minutos, o filme de André Hayato Sato conta a história de uma adolescente descendente de japoneses que rejeita suas origens.

### Ela é carioca

Os vereadores aprovaram decreto que torna Madonna cidadã carioca honorária. Os autores do projeto são Cesar Maia e Carlo Caiado. Para eles, a cantora que se apresenta sábado em Copacabana, é "a artista mais bem-sucedida de todos os tempos".

### No páreo II

Entre os produtores associados de "Amarela", está a cantora e compositora Fernanda Takai, vocalista da banda mineira Pato Fu. "Amarela" foi um dos 11 curtas selecionados entre 4420 filmes inscritos. O trabalho brasileiro concorre com títulos vindos de dezenas de países.

### Um cara comum

A Globo divulgou que a estreia de "Davi, Um Cara Comum da Bahia", documentário que está gravando sobre a vida do campeão do BBB 24, Davi Brito, será disponibilizada ao público no dia 8 de maio na plataforma de streaming Globoplay.



# 'Salve Jesus; Saravá meus orixás'

Após polêmica em show nos EUA, Martinho da Vila diz que Ludmilla não entende de fé africana

**M**artinho da Vila tem entre os inúmeros sambas que gravou "Devagar, Devagarinho", quase que um mantra sobre seu jeito de levar a vida. Mas o artista não foge de um bom debate e deu seu ponto de vista sobre a polêmica envolvendo o show da cantora Ludmilla no festival Coachella, nos Estados Unidos. "Ludmilla não entende muito desse assunto de religiões africanas", disse o músico, que prepara um novo álbum, em entrevista à revista *Véja*.

Em sua apresentação no festival americano, a artista brasileira exibiu num telão a frase "Só Jesus expulsa o Tranca Rua das pessoas", o que foi interpretado como preconceito religioso por pessoas públicas e internautas tanto que a cantora está sendo processada pelo deputado estadual Átila Nunes, parlamentar que representa as religiões de matriz africana.

Em sua conta no X, a cantora argumentou que a imagem, parte de uma série de outras fotografias de favelas, foi tirada de contexto, e que respeita as pessoas de todas as fés.

"Tranca Rua é Exu. No passado, Exu era visto como o demônio pelas pessoas. E não é assim, Exu é mensageiro", disse Martinho. "Nós, católicos, temos anjo-da-guarda; e nós, da religião africana, temos Exu. Pegou mal. Parava por aí: 'só Jesus salva', na fala dos evangélicos. Sou religioso, acordo todos os dias e falo: 'Salve Jesus, Saravá meus orixás'. Misturo tudo. E vamos levando, devagar e sempre."

Autor de 10 livros, entre infanto-juvenis, romances e relatos biográficos, Martinho, por força da sua obra literária, teve em 2010 o nome indicado para ocupar a cadeira 29 da Academia Brasileira de Letras, que pertencia ao bibliófilo José Mindlin. Hoje, o cantor,



Martinho da Vila: 'Tranca-Rua é Exu. Não é assim. Exu é mensageiro'

compositor e escritor diz que não se voltaria a se candidatar, porque acredita que os nomes escolhidos já têm apreço da diretoria, mas que, se fosse convidado, aceitaria fazer parte da ABL.

"Lá tem os intelectuais para trocar ideias, conversar. É sempre bom trocar figurinha. A Academia foi fundada por um negro e na história da academia poucos tiveram acesso. Sou ligado aos movimentos negros e eles dizem: 'você tem que ir para lá, temos que ocupar os espaços'. Mas não estou pensando nisso agora não."

O fato é que as contribuições de Marti-

nho para o resgate e valorização de uma identidade cultural genuinamente afro-brasileira são intermináveis. Nas décadas de 1980 e 1990, por exemplo, ele promoveu os Encontros Internacionais de Arte Negra (batizados de Kizomba), que trouxeram ao Brasil artistas de países como Angola, Moçambique, Nigéria, Congo, Guiana Francesa, Estados Unidos e África do Sul.

Em 2000, realizou no Theatro Municipal, em parceria com o maestro Leonardo Bruno, o projeto "Concerto Negro", um espetáculo sobre a participação da cultura negra na música erudita.

Divulgação



Gabriel Aragão revisita canções de seu primeiro álbum solo

## Gabriel Aragão faz releituras de si mesmo em versão deluxe de disco

Depois de estabelecer sua identidade como cantautor no álbum de estreia "Rua Mundo Novo", Gabriel Aragão entrega ao público uma releitura de seu próprio trabalho solo. A nova encarnação duplica o número de faixas do trabalho, já que é uma regravação das mesmas canções.

Dessa vez, o artista abre mão de seu lado solo para receber artistas que admira ao recriarem, juntos, essas canções intensamente pessoais. O novo álbum inclui nomes como Teago Oliveira (Maglore), Tagore, Wado, Roberta Campos e Mateo Piracés-Ugarte (Francisco, El Hombre), entre outros.

Essa nova interpretação de "Rua Novo Mundo" entrega um olhar diferente para a MPB contemporânea feita por Gabriel Aragão e faz do trabalho solo algo coletivo ao trazer parceiros de estrada, amigos, pessoas com quem ele compôs junto e novos talentos, principalmente da música cearense. Todos trazendo - como a capa antecipa - novas cores para o trabalho do artista.

O disco original, por si só, mostrou-se uma extensão intencional do indie rock da banda pela qual Gabriel ficou conhecido, a Selvagens à Procura de Lei. Entre faixas intimistas e solares, ele refletiu sobre suas origens e lugar no mundo, agora expandindo essas buscas pessoais para dialogar com outros artistas e com o público de um novo ângulo.

Embora seja o seu primeiro lançamento solo, "Rua Mundo Novo" transcende para a sua vocação de provocar encontros e reflexões através de uma sonoridade plural e diversa - todas presentes no mesmo artista versátil e que mostra maturidade.



**O**s Rolling Stones são uma banda de rock antiga, mas não a mais longeva do planeta. A honraria pertence a Renato e Seus Blue Caps, a banda de rock mais antiga do planeta, criada nos início dos anos 1960. Mesmo sem seu líder, o guitarrista Renato Barros, que nos deixou em 2020, a banda segue na estrada e se apresenta nesta segunda-feira no projeto Seis e Meia do Teatro Riachuelo.

Tudo não passava de uma brincadeira. No início dos anos 1960, os irmãos Barros e amigos se reuniam para participar das festas no bairro da Piedade. Faziam playback de grupos e cantores americanos de sucesso na época. E foi com playback que se apresentaram no programa “Hoje é Dia de Rock”, da Rádio Mayrink Veiga, com o nome de Bacaninhas do Rock da Piedade. A apresentação foi um fracasso, e ganharam muitas vaias.

Tempos depois, Renato inscreveu o grupo para o programa “Rock ao Vivo”, tocando e cantando de ver-

# Renato e Seus Blue Caps, os vovôs do rock and roll

Em atividade desde o início dos anos 1960, grupo é o mais longevo do planeta e se apresenta nesta segunda no Riachuelo



Renato e Seus Blue Caps segue mesmo após a morte de seu líder Renato Barros

dade. Jair de Taumaturgo, diretor do programa, não aceitou a inscrição com o nome da banda, perguntou o nome do músico e sugeriu que colo-

casse Renato e Seus Blue Caps. Com esse nome o grupo se apresentou, ganhou o 1º lugar e o convite para participar do programa do Chacrinha

na TV Tupi. Durante o programa, receberam a proposta para gravar um LP na gravadora Copacabana.

Em 1964, assinaram contrato

com a CBS e gravaram um compacto duplo e, em seguida, o LP “Viva a Juventude”, LP que ficou entre os mais vendidos durante meses. Em função do grande sucesso de “Menina Linda”, o grupo foi convidado para participar do programa “Jovem Guarda”. Assinaram contrato com a TV Record e faziam toda a linha de shows da emissora. E, como sempre, cruzaram o Brasil várias vezes apresentando seus sucessos.

A morte de Renato não esmoreceu seus colegas, que seguiram com a banda e adotaram Chi Lenno - pupilo de Renato Barros, escolhido por ele próprio há anos atrás - para assumir sua guitarra em outros momentos de sua ausência. Cid Chaves, Fabrício Motta, Bruno Sanson e Darci Velasco completam a atual formação do grupo.

Divulgação

## SERVIÇO

RENATO E SEUS BLUE CAPS  
Teatro Riachuelo Rio (Rua do Passeio 38 – Centro)  
29/4, às 18h30 | Ingressos entre R\$ 40 (meia) e R\$ 140

## UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

### Linguagens múltiplas

A cantora e compositora Mayah faz uma união de pop, MPB e hip hop em canções poéticas que dialogam com o conceito de ser mulher e com o afeto como força motriz. Atualmente finalizando seu trabalho de estreia, o EP visual “Venusiana”, que propõe o afeto como força motriz e impulso criativo, com muita poesia e cor. Feito em parceria com o duo Castel, “Calor na Boca” é o novo gostinho desse trabalho. O desejo é a matéria-prima da composição que chega a todas as plataformas de streaming.

Divulgação



Gafe Filmes

### Pertencimento

Ivysson anuncia o lançamento da música “Fica”, novo single do álbum previsto para o primeiro semestre. A faixa foi composta em parceria com seu amigo Dody. “É uma música que fala sobre a necessidade de pertencer a alguém, de estar junto, fala sobre as idas e vindas”, conta o artista. “Fica” permeia sonoridades entre a música latina e o afrobeat. “Me inspirei nos violões da música espanhola, ouço muito C.Tangana e Omar Apollo, eles tiveram bastante influência na composição e produção dessa faixa. O afrobeat vem como o pulso da música, dando uma cara mais pop”, diz.

Laís Lima/Divulgação



### A hora certa da canção

Abraçando o desconhecido em direção a novos ventos, a Bratislava fecha um ciclo criativo com o lançamento de “Quem Sabe”, com participação de Diogo Brochmann (Dingo) e Beto Mejia (Remobilía, Móveis Coloniais de Acaju). A faixa, que fala sobre se entregar a uma paixão e a ser um com o outro finaliza um ciclo e abre portas para outros. “Essa foi uma das primeiras canções compostas para o ‘Parte Do Que Vem’. Às vezes a música escolhe a hora que quer nascer, e acho que foi o caso. Quando encontramos o caminho dela foi uma alegria”, conta Victor Meira (voz e teclados).

A patologia antissocial é o tema de 'Baseado em uma História Real', em cartaz no Teatro III do CCBB

Com dramaturgia e atuação de Paulo Verlings e direção de Carolina Pismel, o espetáculo "Baseado em uma História Real" parte da premissa de que nosso cotidiano está repleto de pessoas com quem convivemos diariamente, com maior ou menor proximidade, na vida familiar, no trabalho, na mesa de um bar ou em qualquer outra ocasião rotineira. Mas, na maioria das vezes, pouco ou nada sabemos sobre a intimidade de quem nos cerca. Portanto, aqueles personagens que assombram nosso imaginário em filmes e séries, e a quem julgamos sempre tão longe de nós, na realidade podem estar mais perto do que supomos.

Ao se debruçar sobre esta possível (e assustadora) proximidade, a montagem busca entender como estas pessoas se fazem invisíveis em nossos mais variados meios de convívio. A peça se inicia com a voz em off de Marco Nanini, como Agenor mais velho, aos 70 anos. Numa jornada que vai da infância até a vida adulta, somos apresentados a Agenor, um legista de meia-idade cujos segredos mais sombrios são ocultos por trás de uma fachada impecável. Ele recebe em seu local de trabalho, o necrotério, uma famosa cantora pop em busca de uma locação nada óbvia para seu novo clipe. A presença da estrela desperta desejos e sensações até então desconhecidos por Agenor, e o encontro toma um rumo inesperado.



Em 'Baseado Em Uma Historia Real', a cenografia limpa e de aspecto frio transporta o público a uma sala de necrotério onde se revela a personalidade de Agenor, vivido por Paulo Verlings

# A visibilidade dos invisíveis

"A ideia de se debruçar sobre um tema tão complexo como a psique humana é um desafio gigantesco. Falar sobre o transtorno de personalidade antissocial é se lançar em um universo amplamente provocador. É como usar uma lente de aumento em nossa sociedade e começar a perceber o nosso entorno, e que no nosso dia a dia não estamos distantes dessas mentes. Pelo contrário, convivemos constantemente com elas", afirma o autor e ator Paulo Verlings, que construiu a

dramaturgia a partir de uma seleção de histórias reais.

"O desafio está em como colocar no palco um tema tão difícil. Ter uma visão teatral sobre a maneira de ser desses indivíduos e o impacto que isso tem na sociedade, buscando aumentar a conscientização sobre essas condições. Além da relação entre a criminalidade e os transtornos mentais, através de fatos reais e analisando o papel da justiça na abordagem desses casos. É ficção, mas a realidade pode estar

na porta ao lado", reflete a diretora, Carolina Pismel.

O cenário de Mina Quental é branco e frio, com uma maca de metal e uma composição/installação de lâmpadas tubulares brancas. A luz de Paulo Cesar Medeiros, em diálogo com o cenário, mantém a atmosfera de frieza. O figurino de Karen Brusttolin veste o ator com um jaleco não realista. A direção de movimento é de Toni Rodrigues e Monique Ottati, e a trilha sonora de João Vinicius Barbosa. Há ainda a

participação em off da psiquiatra Vivianne Luz, intervindo com uma visão técnica e científica da patologia antissocial.

## SERVIÇO BASEADA EM UMA HISTÓRIA REAL

Teatro III do CCBB RJ (rua Primeiro de Março, 66 - Centro)  
Até 19/5, de quinta a sábado (19h30) e domingos (18h30)  
Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)



## CRÍTICA / RESTAURANTE / QUINTAL DO RIO

# Para se brincar com a turma

Por **Cláudia Chaves**

Especial para o Correio da Manhã

Quintal é uma quinta pequena, uma área descoberta, onde as pessoas se expandem, plantam, reúnem os amigos, se contatam com a natureza, olham o céu. Enfim, uma área destinada ao lazer. O Quintal do Rio, tradicional ponto na Lagoa, manteve a mesma tradição de “food vibes” – como autodenominam a sua proposta – na nova casa Quintal do Leblon.

O projeto arquitetônico já nos lembra que ali é para relaxar, trocar memórias, jogar conversa fora e dentro. A vegetação natural, o teto retrátil para se ficar ao

ar-livre, as fotografias assinadas do Rio complementam o cardápio, que mantém os queridinhos da matriz, com novos pratos que trazem o clima de botequinagem.

Começamos pelos drinks autorais assinados pelo bartender Rinaldo Tavares. O Pé de Tangerina (vodka, suco de tangerina, suco de limão, xarope de gengibre e soda) e o Quintal em Chamas (vodka, morango, licor 43, tônica, pimenta tabasco e espuma de morango com hibisco). Misturas ousadas e que combinam perfeitamente com a proposta dos pratos.

Com assinatura do chef espanhol Domingo Ferreiro, com mais de 25 anos de experiência,



Divulgação

O cardápio da casa traz o clima da botequinagem

que junta as suas duas pontas ao colocar um toque da culinária espanhola em pratos tipicamente

brasileiros. Experimentamos de um tudo. Croquete de costela, crocantes por fora e com a carne

bem temperada no corpo; panelinha de polvo, com legumes, incluindo a deliciosa batata roxa e linguiça toscana; o filé aperitivo com molho rôti, cebola e cesta de pães da casa para chuchar no molho à vontade.

A especialidade são as proteínas na brasa, inclusive os hambúrgueres. Feitos em fogo aberto, os cortes especiais são servidos com arroz maluco, farofa crocante e fritas da casa; o chorizo na brasa vem à mesa com batata ao murro e arroz de brócolis. o peixe fresco na brasa com batatas rústicas, a genial farofa de camarão e mix de salada verde, para quem não come carne vermelha.

## SERVIÇO

QUINTAL DO RIO

Rua Conde de Bernadotte, 26 – Leblon.

Terças (11h às 23h), quarta a sexta (11h à 0h), sábados (12h à 0h) e domingos (12h às 23h)

## NOTÍCIAS DA COZINHA

POR CLÁUDIA CHAVES

### Novidades na Teva Deli

A Teva Deli é um local de gastronomia criativa, sustentável, orgânica e 100% vegetal em Copacabana. O chef Daniel Biron lança itens de alto padrão de qualidade. As novidades são o muffin inglês da casa e o croissant de avelã. O novo sabor das empanadas é cogumelo com provolone, com insumos dos parceiros Fazenda Velha (cogumelos), Basi.co (muçarela) e Plant Choice (provolone). Tem também o bowl de manga com iogurte de coco Pamalani, geleia de manga Ubá e cumarú Soul Brasil, banana, granola e chips de coco.

Divulgação

Divulgação



### Feijoada no Cardoso

O Armazém Cardoso, tradicional bar de Laranjeiras, promove a 5ª edição do seu Festival no Dia do Trabalhador, com a clássica feijoada, quitutes, drinks e muita música, levando a alma e as delícias do bar para um local mais amplo: o Espaço Corcovado, com entrada gratuita. As principais atrações musicais da casa já garantiram presença e estão reunidas num só dia, das 12h às 22h: o jazz de Ney Conceição; o samba do trio Elisa Addor, Pedro Holanda e Rafinha; e a “voz e violão” de Marcelo Ceará, encerrando a noite com muita MPB, às 20h.

Tomas Velez/Divulgação



### Dia 29 tem gnocchi

Dia 29 é Dia do Gnocchi da Fortuna, tradição com origem na região de Nápoles, terra natal do chef Vittorio del Gatto, da Giardino Trattoria. A casa oferece o Gnocchi alla Sorrentina (molho de tomate, mozzarella de búfala e parmesão). Também há o Gnocchi Salsa Bianca (creme de leite, pancetta, gorgonzola, taleggio e parmesão). Além do Gnocchi ao Pesto (molho pesto, com pecorino, parmesão e manjeriço). Mantendo a tradição, todo gnocchi do cardápio será servido com a nota de 1 dólar embaixo do prato, gesto simbólico de sorte e abundância.

